

JASON JAIR FRUTUOSO

FRAGMENTOS DA ALMA

CRÔNICAS
E
POESIAS



JASON JAIR FRUTUOSO

FRAGMENTOS DA ALMA

The lower half of the page is dominated by a complex geometric pattern. It consists of several vertical lines of varying heights and several diagonal lines that intersect to form a series of overlapping triangles and quadrilaterals. The lines are thin and black, set against a plain white background. The overall effect is one of dynamic tension and structural complexity.

CRÔNICAS
E
POESIAS

Outras obras do autor

Samuel e o bezerro dourado – romance, 2008

A história de Marcela – romance, 2013

Xarles , o príncipe – romance, 2014

Obras inéditas

Fragmentos – crônicas e poesias

Pedaços de alma – crônicas e poesias

A saga de Zequinha – teatro

Jason Jair Frutuoso

FRAGMENTOS DA ALMA

Brasília/DF
Abril de 2015

Copyright@2015 Jason Jair Frutuoso

Fragmentos da alma

Projeto gráfico: Alex Lana Frutuoso / Fábrica de Criação

Revisão e coordenação editorial: Margarida Drumond de Assis

F945f

Frutuoso, Jason Jair.

Fragmentos da Alma / Jason Jair Frutuoso. Brasília: editora do autor, 2015.

130 p.

ISBN: 978-85-908755-4-3

I. Título.

CDU 869.0(81)

Ficha elaborada pela Formatum Consultoria
13/10/2014

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR

Contatos:

www.jasonfrutuoso.com.br

jasonfrutuoso@gmail.com

AGRADECIMENTOS

À Margarida Drumond de Assis pela orientação
em mais esta realização literária;

Ao Alex Lana Frutuoso pela sua dedicação profissional
em prol da organização deste livro.

DEDICATÓRIA

À minha esposa Lúcia, com muito carinho!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
<i>Jason Jair Frutuoso</i>	
PREFÁCIO	15
<i>Margarida Drumond de Assis</i>	
MÚSICA, PODEROSA MÚSICA	21
VENTO COM SENSAÇÃO DE VOCÊ	22
QUERO UM ESPAÇO PARA VOCÊ	24
MINHA CAMA SEM VOCÊ	26
SOU PROFESSOR	27
UM POEMA PARA QUEM VAI NASCER	29
UM DIA A TERRA VAI MUDAR	30
O AMOR E A ROSA	32
O QUE É POESIA?	34
VEJAM O QUE VEJO EM TEMPO DE ELEIÇÃO	35
CADÊ, HOMENS?	36
UM ADOLESCENTE ATUAL	38
O BICHO HOMEM	40
O QUE GUARDO DO MEU LUGAR	42
UMA MATRIZ FLUTUANTE	43
AMOR AMBIVALENTE	46
BRASÍLIA	47
OLHE	48
“ORGULHO SINISTRO”	50

BRASÍLIA EM ORAÇÃO	53
DEVANEIOS	54
DEVANEAR I	56
DEVANEAR II	57
VALOR DA VIDA	58
HOMEM DESARMÔNICO	59
A BRECHA	60
MAJORITÁRIA	61
MIRAGEM?	62
ESPEREI	64
ATÉ QUE PODE SER	66
HOMEM	67
IMAGINAÇÃO	68
O ENVELHECER DAS GRANDES CIDADES	70
TODA CRONICIDADE PARECE NORMALIDADE	73
ITABIRA – PEDRA DURA?	76
ONDE ANDA A POESIA?	79
A VOZ DO ANGICO	80
VOU VOAR COM VOCÊ	81
SUA CHEGADA	84
DIVAGAÇÃO	86
O “DIREITO” DE SER PREDADOR	88
SOMOS (IN) NATIVOS	92
UM SENTIR EM GOYAZ VELHO	94
EU VI, EU SENTI	96

MÃE	99
POR QUE SOU CAPAZ DE CHORAR?	100
RACIONALIZAÇÃO	102
PINTOR	104
QUERO UM MUNDO DE UTOPIAS	106
AO MEU GRANDE CRIADOR	108
LEÕES E HIENAS	110
POESIA	111
PARA BEM CONHECER VOCÊ	112
É BONITO!	114
MEU SONHO	115
DESEJO, NÃO, NECESSIDADE!	116
DEIXEM O MENINO!	118
QUERO	119
MENINO DE RUA	120
GRITOS NA NOITE	122
COMO ERAM GRANDES AQUELAS PEQUENAS COISAS!	125
HOMEM DAS SOMBRAS OU DAS LUZES	128
O ANDARILHO	130

APRESENTAÇÃO

Desde os tempos mais remotos, já se ouvia alguém dizer a frase, “foi para o éter”, o que significaria perder o que fez quando não se registrou devidamente. São criações que vão sumindo até desaparecer ao longo do tempo. A história do mundo só pode ser contada se tivermos evidências, e estas sem a escrita acabam sempre deixando dúvidas.

Mesmo com tantas evidências de que aqui na terra residiram os dinossauros, ouvimos, ainda hoje, muita gente dizendo não acreditar que realmente eles viveram por aqui. Neste caso, no entanto, com as evidências somando-se à arte da escrita, passamos a ter mais certeza de que eles realmente habitaram a terra.

De vez em quando eu me pergunto: “Como seria o mundo se não fosse a escrita?” E em relação a mim mesmo, questiono o que seria de mim se não pudesse registrar meus pensamentos? Sem a escrita minhas vivências se perderiam, desapareceriam. Acredito mesmo que a maioria das pessoas perdem seus pensamentos por não registrá-los. E só comecei a escrever quando compreendi a utilidade dos mesmos e também ao perceber a importância dos pensamentos dos filósofos para o mundo.

De posse desse conhecimento e cômico da importância de externarmos nossa reflexão também por meio da escrita, resolvi não deixar que os meus pensamentos fossem “para o éter”. Então, escrevi *Fragmentos da alma*, obra na qual coloquei alguns frutos de uma das maiores virtudes humanas: a capacidade de pensar, sentir e agir.

Já ouvi alguém dizer que o poeta pode ser um fingidor; pode criar uma poesia de acordo com contextos diferentes, mas não me sinto com esta competência; acho que, em primeiro lugar, precisamos ter o amor, porque é dele que nasce a poesia; só o amor nos dá subsídios para pensarmos poeticamente. A poesia contempla, em

primeiro lugar a alma do escritor, aquele que deixa seu amor passar pela caneta para chegar ao papel, para, depois, contemplar aos que apreciam a arte de amar.

Este livro traz também algumas crônicas que são frutos de minhas vivências e, algumas vezes, de minha intriga frente à vida. Portanto, deixo-o com meus “fragmentos da alma”, para seu deleite e conhecimento das apreciações deste autor sobre a vida.

Que Fragmentos da alma seja um elo entre mim e você, leitor.

Jason Jair Frutuoso

PREFÁCIO

É quase primavera de 2014. Chegam-me novos escritos do amigo Jason Jair Frutuoso, escritor que tenho tido a imensurável alegria de acompanhar, desde o seu primeiro livro, o romance *Samuel e o bezerro Dourado* (2008), seguindo-se outros dois nos quais vemos uma literatura de entretenimento e, ao mesmo tempo, comprometida com o registro de vivências, abordando questões sociais e temas próprios do ser humano. Paralelamente à prosa de Jason, conheci alguns de seus textos poéticos e me lembro de haver comentado sobre ele publicar também um livro de poesias. Eis que, agora, vem-nos ***Fragmentos da alma***, no qual, em prosa e verso, ele dá vazão ao seu lado de escritor e poeta.

Sensível, fala-nos aqui, por meio de poesias e crônicas, não só o poeta e romancista Jason Frutuoso, mas o psicólogo experiente, o homem que ama e que é apaixonado pela vida, pela família, pela arte de escrever, mas que se revolta ao ver a devastação da natureza, que mostra sua insatisfação com as políticas públicas e as consequentes mazelas sociais. Por outro lado, em *Fragmentos da alma*, Jason mostra seu canto a Vermelho Novo, Minas Gerais, cidade que o viu nascer; a Brasília que o acolheu; faz o seu canto a Drummond; Cora Coralina; entre outros registros.

A considerar a caminhada literária já percorrida por Jason, talvez fosse ocioso indagar se esta obra necessitaria ou não de um Prefácio; de qualquer modo, de minha parte é um prazer e uma honra acrescentar à Apresentação, que ele fez, algumas palavras nas quais buscarei plasmar acerca do que ele suscitou em mim com os seus fragmentos d'alma.

Importa registrar que cada um de nós traz em si os sentimentos que nos marcaram um dia e os carregamos vida afora, conscientemen-

te ou não, e eles vão num crescendo e se agigantam, incomodam. E, no caso do literato, há esta possibilidade de externar o que sente, seja na literatura ficcional ou por meio de crônicas opinativas, textos científicos, documentários e outros. Há, em nós, algumas ideias que, podemos dizer, são obsessivas, mas que estimulam a pesquisa e o pensamento dos cientistas, dos escritores. Elas se tornam poderosas em nosso íntimo, exigem-nos reflexões, seja em que gênero for, precisam ir para o papel. Sobre essas ideias, o pensador e sociólogo Edgar Morin, lembrando o que escreveu G. Holton, recorda que elas são denominadas *thémata* e que todo ser humano as possui. E podemos modificá-las a partir de experiências de vida específicas.

Assim, enquanto eu lia as poesias e crônicas de Jason, lembrei-me logo do supracitado pensador francês. Os sentimentos que permeiam *Fragments da alma*, verá o leitor, leitora, são fortes e permanentes, tomam conta de todo o ser do autor. Aqui, durante a leitura, passa-se do lirismo cantado pelo poeta à indignação que o autor revela, frente às questões sociais do país e outras próprias do ser humano. E, valendo-se da literatura, Jason Jair Frutuoso faz um novo registro de seus pensamentos e faz também o seu alerta.

Ao definir poesia, Jason ressalta: “É tudo que ao ser expresso vira a alma pelo avesso”. Nesse desvirar-se, o autor se expõe, mostrando que o escritor se joga como num redemoinho - é ele e a própria vida, sem dissociação alguma, conforme já dizia Nietzsche de si mesmo - para ele não há problemas puramente intelectuais. Nesse contexto, vamos encontrar um Jason se posicionando decidido contra a falta de princípios e de valores, hoje: “Homens que navegam pela situação e oposição” (Vejam o que vejo em tempo de eleição). Mas esperançoso, ele canta: “(...) Na perspectiva do amanhã, / quero navegar / voar infinitamente, / e de forma permanente / sobrevoar o mundo /

carregando sementes/ (...) / semear lá do alto / As sementes do reflorestamento (...)” (Devanear II).

Tem razão de ser a preocupação do nosso poeta com as consequências da devastação crescente, pois, a continuar assim, em poucas décadas faltará água potável para as necessidades básicas, no mundo. É preciso, entre outras medidas urgentes, educação para uma nova cultura de consumo. A água se extingue, a fauna e a flora também; a devastação ou alteração significativa dos ambientes leva, quase que fatalmente, à destruição dos processos que asseguram a existência da biodiversidade.

Muito fortes também ecoam nesta obra de Jason os seus escritos à capital federal, da qual, em determinado verso, ele revela: “Brasília, / eternamente meu par. / aqui aprendi a andar!” E em lembrança de sua Vermelho Novo, registra: “ (...) Tenho dentro de mim/ uma caixinha de dor crônica / de saudade daquele lugar. (...)” (O que guardo do meu lugar). E nesse cantar, dirige-se a Carlos Drummond de Andrade, “O Mestre Drummond eternizou a poesia e a poesia eternizou Drummond” (Itabira, pedra dura); e a Cora Coralina: “Meu peito reclama/ os anos que você não imprimiu / seus poemas / seus sonhos” (Eu vi, eu senti).

Trago, por fim, de *Fragmentos da alma*, o “eu amoroso” que move o poeta, amor que ele canta em prosa e verso.

Apresento-lhe alguns excertos:

“Você merece (...) saber / que é a eternidade do meu amor / E, se eu merecer,/ diga-me que quer adentrar/ minh’alma / e dominar de vez meu coração.” (Majoritária)

“(...) É divinal ter você inteira; / É eterno o minuto que você me dá./ Você é conteúdo: / para o meu dormir, meu sonhar e meu acordar.” (É bonito).

“(...) Deite-se aqui neste lugar / e me deixe sonhar: / carregarei você para sempre / neste meu continente (...)” (Miragem).

Eu fico por aqui. Deixo-o para a leitura dos próprios textos do nosso escritor e poeta Jason Frutuoso. *Fragmentos da alma* é um mosaico rico e belo dos mais convidativos. Vale a pena, aproveite!

Margarida Drumond de Assis*

**Professora, Jornalista e escritora, Margarida Drumond é romancista, poeta, roteirista, cronista diretora de teatro e revisora. Possui mais de uma dezena de livros publicados, entre os quais os romances Aconteceu no cárcere e Um conflito no amor; os documentários Padre Antônio de Urucânia, a sua bênção e Dom Luciano, especial dom de Deus; poesias De novo o amor; crônicas, Não dá pra esquecer .*

Contatos: margaridadrumond@gmail.com
Tel.: (61) 9252-5916 Site: www.margaridadrumond.xpg.com.br

FRAGMENTOS DA ALMA

MÚSICA, PODEROSA MÚSICA

Música, divina música.
Música, eterna música.
Um minuto só e
vasculha minh'alma.

Em um pequeno momento
me faz caminhar de volta
e até mesmo a cascata, lá da serra,
novamente canta em minha mente.

A cascata, as árvores em festa,
o canto do curió e do pássaro preto...
É muita saudade para um peito,
um grande milagre, tudo é perfeito.

Música, sagrada música,
que vem de todos os lados,
até mesmo de Viena,
principalmente de Viena.

De onde vens não importa.
Só importa a viagem
- a um passado não tão perto
e a um futuro obscuro.

Vem, toma conta do meu SER,
percorre minhas veias,
relaxa os meus músculos,
permite-me a saudade,
traze-me a felicidade
e a velha amizade,
música, poderosa música!

VENTO COM SENSAÇÃO DE VOCÊ

O vento que vinha de lá
tinha forma de mensagem,
assumia jeito de sentimento,
falava de amor e, às vezes, falava baixinho,
falava de você.

O vento que vinha de lá
trazia um ar perfumado,
que parecia o seu perfume
que também falava de você.

Trazia, de forma quase definida,
sua imagem
que me fazia sentir
uma gostosa sensação.

O vento que vinha de lá
se espalhava por todos os lugares
e às vezes fazia doer,
outras vezes trazia alegria e esperança.

O vento que vinha de lá
vivia nos ônibus, na rua, em todo lugar;
sabia gritar, cochichar
e, tudo que eu fazia, ele fazia junto.

Quando a uma música se associava,
parecia flecha, e num rápido instante,
atingia meu coração.

Num clima de solidão.
Eu via sua definida imagem,
aos poucos desaparecer do meu pensamento.

Até que um dia o vento não veio,
ele foi e levou-me até você.

Aos poucos fomos nos integrando
até o momento em que, você e eu,
ao som do vento e da música
nos tornamos uma só pessoa,
num dos mais verdadeiros encontros.

E o vento não veio mais trazer saudades.
Ou seria ele o vento da paixão?

QUERO UM ESPAÇO PARA VOCÊ

Quero um espaço para você:
no meu coração para eu te amar,
no avião para você comigo voar,
no navio para você flutuar e comigo balançar,
no bumerangue para você “ir e voltar”.

Quero um espaço para você:
do meu lado esquerdo,
do meu lado direito,
em cima,
em baixo,
no céu,
na terra,
nas nuvens,
nas asas do avião,
nas asas da liberdade,
por dentro e por fora
DE MIM.

Quero um espaço para você:
na flor,
na alegria,
no ar,
no mar;
na carteira, o seu retrato,
no ar, o seu perfume
na paz,
no meu peito,
no meu jeito
DE AMAR,
no meu mundo,
na vida,
na lida.

Quero um espaço para você:
aqui,
ali,
acolá,
em todo lugar
DE MIM.

Quero um espaço para você:
no corpo,
na boca,
no meu íntimo “ser”,
no molhado
do meu suor.

Quero um espaço em você toda,
até seu infinito.

MINHA CAMA SEM VOCÊ

Nos arrabaldes do meu corpo,
ficou um vazio de você;
no interior de minha mente, só dava você;
no meu sonho fiquei a te buscar;
do lado direito foi em vão,
do lado esquerdo também;
minhas mãos correram cama afora,
em toda sua extensão
e foi tudo em vão!

Então, fui saindo, de mansinho,
alojei-me em meu próprio mundo,
agasalhei-me em minha própria racionalidade,
neguei a própria saudade, voltei a dormir
e a sonhar,
para novamente encontrá-la
e matar a saudade que doía.

São sentimentos de apenas uma noite.
Nem consigo me imaginar sem você!

SOU PROFESSOR

Sou professor, amigo e benfeitor.

Sou aquele que ensinou seu filho. Daqueles que ensinaram seus pais, a você próprio e a seus avós. Sonhei muito com um mundo melhor, arranquei de mim até mesmo o que nem sabia ter para levar aos alunos. Sonhei com o que chamam de “amanhã”. Subi e desci morros atrás de uma ideologia; ensinei!

Muitas vezes atravessei rios, e um dia quase caí em área seca, com o que me fizeram de injusto. Mesmo leigo e recebendo o salário que brincaram de me pagar, ensinei!

Pena que nem mesmo posso contar quantos de meus ex-alunos se tornaram grandes profissionais! Ensino desde o começo do mundo; várias vezes, fui à montanha; dei belas lições de vida; acolhi seu filho, como se meu fosse; fui continente ao seu filho adolescente, enquanto o meu, também adolescente, trabalhava para com sua migalha completar o que você brincou de me pagar (o escasso dinheirinho). Mil vezes ouvi o despertador nas horas de ir para a escola, despertador também para os meus pequenos filhos irem para o trabalho e não para a escola. Buscavam a melhor forma de completar nosso mísero trocadinho! Quando tentei lhe falar sinceramente sobre a vida que passava, fui rotulado de subversivo; outras vezes, por nada falar, você não percebeu que quem exerce tão nobre missão tem as mesmas necessidades suas – de alimentação e, demagogicamente, você falou e eu ouvi que o ensino é coisa básica em seu país, sem nem mesmo pensar que eu também devo ter o básico para viver.

Não queria que fosse assim. Sou famoso porque a imprensa queria mostrar as desigualdades sociais. Fui focalizado como vítima do sistema. Não queria ser herói, apenas um profissional a ver seu dever cumprido e que, neste momento, em que me separo do que

tantas vezes fiz com amor, não tivesse a dor de nem mesmo ser reconhecido. É hora de me aposentar.

Sou professor:

Tenho uma bela história;

Tenho uma história sem valor;

Apesar de tudo, sou professor.

“Levei a seu filho o que há de mais nobre, e tropecei na mediocridade de seu pensamento.”

UM POEMA PARA QUEM VAI NASCER

Que venha ao mundo
Com um novo jeito de nascer,
Que lhe tragam ao mundo
Com um novo jeito de ser.
Que em torno de você
Tenha nova matriz social,
Que seu jeito de chegar
Seja tudo, menos um mal.
Que em função de sua chegada
Haja uma mobilização,
Que não haja omissão,
Nem tampouco tanta ação.
Que sejam medianos
E para você estejam disponíveis,
Que lhe deem o necessário
Sem tentarem o impossível:
Nem príncipe, nem rei,
Que seja apenas uma pessoa
Que caminhe e descubra
Uma vida que seja boa.

UM DIA A TERRA VAI MUDAR

Haverá um dia
Haverá uma hora
Em que os rios
Vão correr mansos
E límpidos.

Haverá um momento
Em que a floresta
Será o grande palco
Da grande orquestra
Da passarada.

Haverá uma ocasião
Em que a indústria
Dará a sobrevivência
Sem tirar a respiração.

Um dia haverá de chegar
Em que a criança irá correr
Apenas para brincar; e não
Mais, do mundo.

Haverá um semblante
Com a alegria de criança
Com a magia do amor
Com o ar de felicidade.

Haverá um seio a alimentar
Um colo aconchegante.
Haverá uma terra
Um continente acolhedor.

Haverá o casamento
De novo
Entre o céu e a terra
E que os olhos do céu
Não sejam ofuscados
Com tanta poluição.

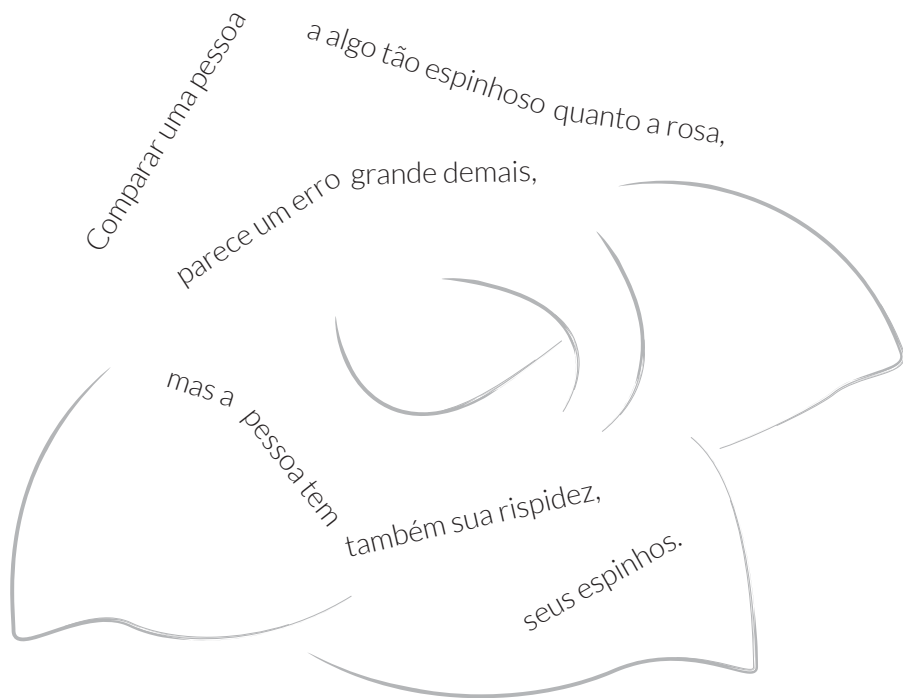
Haverá um sol
A iluminar
A noite do céu
E da terra.

Haverá garantia de que o luar
Vai continuar
Vai ser fonte de inspiração
Para nascer mais uma canção.

Que os americanos
Ao habitarem o espaço
Não joguem cá em baixo
Seus resíduos
Nem retirem da lua
Sua cor de prata.
Que a deixem preservada
Para nossas noites
Enluaradas.

Que a terra seja palco
De eternas serenatas.

O AMOR E A ROSA



O que mais importa, porém,
é o que se produz
dentro de coisas tão selvagens
como o homem e a roseira.

O homem produz o amor,
e a roseira, a flor;
ambos podem ser domados
com nutrientes
extraídos do fundo da alma.

Para o homem o carinho e
para a roseira também.
Importa a qualidade do alimento,
se ele for bom, não haverá tormento.

Como é bom saber
que, apesar de seus espinhos,
vem de dentro de você
uma essência tão doce e cheirosa,
como o perfume da rosa.

Como é bom saber
que, entre características espinhosas,
também nascem rosas.

Como é bom domar você
Para eternamente te amar.

O QUE É POESIA?

É tudo aquilo que desaparece, mas nunca perece.

É tudo que ao ser expresso vira a alma pelo avesso.

É tudo que ao ser falado torna o espírito alado.

É o borbulhar da alma, que mexe com o coração e vira canção.

Poesia é você,

Paixão.

VEJAM O QUE VEJO EM TEMPO DE ELEIÇÃO

Uns homens ricos mascarados de pobre,
homens-lobo com pele de cordeiro,
vários homens com cara de político,
homens idealistas que vendem seus ideais.

Pessoas vendendo ideias de outras pessoas,
homens que navegam pela situação e oposição,
outros que a nada se misturam.

Políticos expondo coleções das desgraças alheias,
sujeitos totalmente alheios,
homens figuras decorativas,
uns sujeitinhos vendendo legendas,
alguns malditos homens mercenários dos xingamentos,
que xingam oposição e situação, à espera do vantajão,
políticos-propaganda que fingem ser qualquer coisa,
candidatos que pagam qualquer preço,
por uma falsa declaração.

Comerciantes de desgraças alheias, que envenenam a oposição.
Homens sem criatividade e sem propostas,
outros com propostas mentirosas,
ou promessas inocentes,
ou promessas indecentes.
E mais... Parei aqui

CADÊ, HOMENS?

Cadê nossas árvores?
Onde estão as braúnas da minha terra?
O que fizeram com as perobas-rosas?
E as perobas-brancas?
Quem serrou o grande jequitibá?
Onde andam nossos jacarandás?

Será que as braúnas sustentam grampos e arames farpados?
Que as perobas estão em salas da classe média?
Que o jequitibá virou assoalho de fazenda?

E os jacarandás, em que gabinetes estão?
Os vinháticos, quem os cortou?
Quem ousou tirar de cena as sucupiras?

Aparentemente é o progresso,
Mas, realmente, mataram um pouco a nossa história.

Eu lhes digo, amigos,
se as árvores pudessem andar,
certamente não fugiriam como gente;
acabariam como bois de corte,
nos corredores da morte.

O homem é “superior”.

Pobres árvores, seres vivos indefesos!

Pobres homens

que vivenciam o progresso de marcha à ré,
que destroem, antecipadamente,
a qualidade de vida, de seus filhos e de seus netos.

Homens que podem, mas não devem

contar certas proezas

suas próprias realizações;

suas histórias frustrarão seus descendentes.

Talvez um dia você se autodenominará

defensor das florestas remanescentes,

mas só as árvores – apenas elas! - poderão se calar
ao som de sua ridícula voz.

Você poderá virar remédio,

mas poderia, isto sim, ser a prevenção!

UM ADOLESCENTE ATUAL

Ei, você,
Saia daqui,
Vá pra lá,
Vá olhar
Outro lugar.

Ei, você,
Que já trilhou
Seu caminho,
Vá pra lá.

Olhe pra frente,
Deixe a gente,
Veja os campos,
Seja inteligente.

Leve sua autoridade
Pra outro lugar;
Você já me criou,
Queira agora me deixar.

Veja o verde,
Olhe pra frente,
Chega de leis,
Crescer agora
É com a gente

Muito obrigado,
Mas me deixe sozinho.
Você já fez a
Sua tarefa,
Vou seguir meu caminho.

Pode chegar,
Compartilhar
E nada mais.
Pare com esta história
De só querer mandar.

E pra encerrar,
Quero lhe dizer
Que não preciso mais
Viver em função de você.

Deixe-me caminhar.
E se eu tropeçar
Já sei me levantar.

Desculpe-me,
Meu velho,
Mas me deixe sozinho,
Quero aprender a desenvolver
Meu próprio jeito de andar.

O BICHO HOMEM

Que bicho é este,
Que está em todo lugar?
Fonte do progresso,
Passa a vida a pensar.

Com esse tal bicho,
O progresso pode chegar,
Ele sempre é um sucesso,
Não importa o lugar.

Ele gosta de ser visto,
Como forte desbravador,
Muitos entram pra história
Como mito salvador.

Desbrava aqui e acolá,
Desbrava em todo lugar,
Tem sempre fama de herói,
Seja por onde passar.

É sempre muito “bonzinho”,
Diz sempre não visar lucros.
“Faço tudo em benefício
Do meu povo com sacrifício”.

Muda a cara da natureza
De verde para multicolor,
Ronca a serra na floresta,
No asfalto o motor.

É um desbravador,
Tem belo e franco sorriso,
É um Sr. Doutor,
Promete sempre o paraíso.

Transforma o silêncio da floresta
Em um ronco assustador,
E a fauna que nos resta
Corre de algo ameaçador.

Correm aves e mamíferos,
Correm toras pelos rios,
Correm também os navios,
Carregados com nosso valor.

E o bicho de quem falamos,
De colarinho “branco total”,
Fina gravata de seda,
Não passa de um “animal”.

É o bicho “ser humano”
Um bicho “racional”,
É dele que falamos,
Desse tal “animal” relacional.
Bicho homem!

O QUE GUARDO DO MEU LUGAR

Tenho saudade dali,
Uma saudade cortante,
Que corta, como os
Cacos de vidro da praça.
Sinto uma dor selvagem,
Que não dói no corpo
Que não sei onde dói;
Só sei que dói.
Uma grossa dor fina,
Uma dor fininha na alma,
É uma doce dor,
Que dói de saudade.

Tenho dentro de mim
Uma caixinha de dor crônica
De saudade daquele lugar.
Lembranças e sonhos:
- infinitos sonhos!
- infinitos sonhos de criança!
Tenho também um longo filme,
Que passa, adormece
E passa de novo.

Minha querida Vermelho Novo,
Você sempre clica em minha
mente,
Desde os velhos tempos
Até os tempos presentes.

UMA MATRIZ FLUTUANTE

Pense numa matriz,
Um lugar pré-existente,
Imagine uma criança,
Frente ao mundo impotente.

Pense numa mãe,
Com seus sonhos infinitos,
Imagine uma matriz,
Um lugar de muitos mitos.

Pense num ser minúsculo,
Com tarefas pré-definidas,
Imagine tantos sonhos,
Tantas coisas só bonitas
Para carregar.

Pense num bebê pensante,
Que também saiba falar,
Não teria um só instante,
Momentos para sossegar.

Pense em outro bebê,
Nos dois a conversar,
Imagine o que diriam,
De todo o nosso sonhar.

- Não nasci como queriam,
Sou bonito, mas não sei,
Parecem procurar em mim
Muitas coisas, mas falhei.

- Eu também tenho esses problemas,
Vivo a vida a procurar,
Outras regras que me ajudem,
Ao meu meio me adequar.

- Não se preocupe, amigo,
Não há como se adequar,
A tantos sonhos, tantos desejos,
É difícil até pensar.

- Eu já não tenho reação,
Nasci tão limitado,
Já me acho um coitado,
Não sou mesmo o ser sonhado.

- Sou feio e não gostam,
- Sou bonito, mas não gostam,
Porque não sou inteligente.
- Sou inteligente, mas não gostam,
Algo em mim é divergente.

- Quer saber, companheiro?
Aqui nesta matriz,
Não tem nada que se faça
Para deixar alguém feliz.

- Inúmeras vezes,
Vi minha matriz se esfacelar.
Nossa sorte é que ela
Pode se reestruturar.
Então vamos caminhar.

O mundo dos sonhos dos outros
é de amargar!

AMOR AMBIVALENTE

Assumo a culpa
Por te amar tanto,
Assumo a culpa até
Pelo meu pranto.

Assumo a culpa,
Se te amar for pecado,
Assumo o pecado,
Até pelo amor por ti derramado.

Assumo o amor,
Assumo a dor,
Que por acaso te causei.
Teu sofrimento foi apenas,
Pelo tanto que te amei.

Assumo que arranquei,
De teu peito e de teus olhos,
Gotas de dor e de lágrimas,
Só porque fui teu amante,
Que para mim era o bastante.

Se me difamastes,
É certo que dentro de ti,
Fiz fama, fui cafajeste,
E te prendi aqui,
No meu peito
E no meu leito,
No meu mundo
E no meu submundo,
Do amor e
Do crime,
Que te fiz,
Só porque profundamente te quis.

BRASÍLIA

Quando cheguei,
Vi no horizonte,
Seu sol nascente
E seu poente.

Quando cheguei,
Vi em seus eixos,
A criação de Lúcio
E de Niemeyer.

Quando aqui cheguei,
Vi sua Esplanada,
Vi a arte dos gênios,
Criada em cima do nada.

Quando cheguei de Minas,
Vi as paisagens,
As naturais
E as de Burle Marx.

Quando a encontrei,
Vi seus eixos,
Suas asas abertas,
A me acolherem.

Vi seus horizontes,
Abertos, livres,
Para o meu
Caminhar.

Brasília,
Eternamente meu par.
Aqui aprendi a andar!

OLHE

O voo da gaivota,
O caminhar do elefante,
O planar do tuiuiú,
Veja o céu cor de anil,
Os campos do meu Brasil.

Veja o pássaro de Santos Dumont,
A Chapada dos Veadeiros,
O samba do nosso terreiro.

Veja a igreja branca
De Ouro Preto,
Do Aleijadinho
Perfeito.

O curandeiro
Do terreiro.
O poder mágico
Do guerreiro.

Anda, moço!
Vá a sua terra
Preferida,
Busque sua infância
Há muito perdida.

Veja os rios:
O Tocantins e
O Velho Chico.
Sinta o verde encantador
Do periquito.

Veja...
Tudo é romântico!

“ORGULHO SINISTRO”

Um pássaro voando,
Planando, cantando.
Uma linda alvorada,
Pelos pássaros cantada,
No alvorecer da chapada.

Um pássaro como “chama”,
Um belo alçapão,
Um desejo de pássaro,
Pela alimentação.

Uma trama:
Hoje ou amanhã,
Na minha gaiola cantará
E meu será.

Um mogno gigante,
Na mata verdejante,
Meu coração palpitante,
Da luxúria sou amante;
Um dia se tornará vermelho,
Há de ser moldura do meu espelho.

Um curió cantador,
Alegrando a vargem bonita,
Um dia terá fome,
Cairá na minha armadilha,
Cantará para o meu amor,
No meu rico bangalô.

Uma mata fechada,
Um pulmão externo
Do homem,
De um país qualquer
Do mundo.
Um dia cairá,
Sob meus pés
Será teto nobre,
Sobre minha cabeça.

Natureza límpida,
Que outrora brilhava,
Hoje é toda minha,
Mesmo poluída.

Com meu poder humano, absoluto,
Prefiro um pássaro na gaiola,
A cantar para mim
Que mil deles voando
E o mundo festejando.

É duro ver o mundo
Fecundo,
Fluente, caminhando,
Sem o meu comando.

Sou global,
O maioral,
Sou o homem,
Animal.

E que animal!

BRASÍLIA EM ORAÇÃO

Oh, Senhor! Eu vos invoco com todo meu fervor: peço-vos ajuda, encorajado pela vossa misericórdia, para eu vencer as dificuldades que venho atravessando. Em primeiro lugar, e com muita urgência, vos peço para fechar as portas do meu ser - o aeroporto, a rodoviária e as entradas dos carrões. Protegei meu ventre, meu cérebro e meu coração, que estão em formato de esplanada e praça dos três poderes. Não deixeis que transite, aqui por dentro, nem mais um psicopata e que meus filhos legítimos - os trabalhadores - não recebam deles nem incorporem nenhum mau exemplo.

Oh, Divindade, prometo manter minha beleza, a qualidade de vida de meus filhos - até mesmo desses forasteiros - e a continuar mostrando minhas flores, agora e em qualquer estação; ofereço meu lago para o banho e também para os luxuosos barcos dos políticos e de seus parentes de todas as gerações. Prometo, mesmo com tanto sacrifício - tão peculiar de mãe - continuar de asas abertas. Ofereço meu corpo e minha alma a meus filhos legítimos e a esses “filhos”, também aos de outras terras, mas ouvi-me, Senhor; fechai os caminhos dos bancos públicos, retirai o poder das malas, transferindo-o para as esposas, fazendo-as continuar valentes e vigilantes de seus maridos políticos.

Cessai a revoada das malas do Brasil, para que não aterrissem aqui, nem de dia, nem quando estiverem dormindo, meus filhos legítimos e trabalhadores.

E, por último, tornai fecundos, Senhor, os políticos corretos; desativai toda a corja de políticos corruptos; dai-me para o futuro o descanso e a força necessários para cuidar de minhas gerações vindouras.

Eu peço, Senhor!

Assinado: Brasília, capital do Brasil.

DEVANEIOS

Se a poesia fosse uma planta, ela seria uma roseira sem espinhos e cheia de flores de todas as cores;

Se a poesia fosse uma pessoa, seria uma professora primária a ensinar, com carinho, a milhões de crianças e adultos analfabetos;

Se a poesia fosse um animal, ela seria uma cachorra dálmata que tivemos um dia;

Se a poesia fosse o tempo, ela seria aquele tempo em que conheci minha mulher, nosso tempo de hoje e o de amanhã;

Se a poesia fosse uma tarde, seria a tarde de Brasília, com o seu pôr do sol avermelhado visto lá da Praça do Cruzeiro, local da primeira missa;

Se a poesia fosse um artista, ela seria o Aleijadinho das Minas Gerais, a criar milhões de enfeites para a história do mundo;

Se a poesia fosse um pássaro, seria o curió que cantava na laranjeira da fazenda de meus avós;

Se a poesia dominasse o mundo, recriaria os animais extintos e colocá-los-ia para viver na floresta, que o homem certamente não teria destruído;

Se a poesia fosse uma cidade, seria a terra onde eu nasci;

Se a poesia fosse um pedaço da cidade, seria ela uma esquina onde os habitantes se encontrariam pra falar amenidades.

DEVANEAR I

Coração alado,
Destino desesperado,
Amor sem limites,
Guerra sem tréguas,
Humor mau humorado,
Sorriso amarelo, sem nexo.

Amor complexo,
Homem perplexo,
Indivíduo cindido.
Cavalo de troia,
Caixa de pandora,
Cidade de deus,
Cidade sem lei,
Governo desgovernado.
Cachoeira do sertão,
Serra da Mantiqueira,
Rua das Mangabeiras,
Vila Futuro,

E nós dois na calçada,
Sem violência, sem nada,
É a noite passando,
Sem medo e sem rumo.
É o céu sem limites,
A você meu convite,
Pra me amar sem trégua.
Pedra preciosa,
Preguiça perniciosa,
Garota gostosa;
Meu norte,
Sul,
Leste,
Oeste,
E ponto!

DEVANEAR II

No mar
No ar
No amor
Na fantasia
Na alma
No sertão
No seio de minha amada
No interior da liberdade
Nas asas da saudade
Na perspectiva do amanhã
Quero navegar
Voar infinitamente
E de forma permanente
Sobrevoar o mundo
Carregando sementes
Semear de novo
A boa convivência para o povo
Jogar lá do alto
As sementes do reflorestamento
Tomar conta da Etiópia
Cuidar dos meninos do Haiti
E dos meninos daqui
Jogar cimento forte lá de cima
Para fixar minha utopia
Usar permanentemente
O poder de minha magia
E pronto
E ponto!

VALOR DA VIDA

Não há de faltar o ar
para sabermos de sua importância;
não haveremos de ter muita sede
para amarmos a água.
Mesmo debaixo do brilho do sol,
haveremos de apreciar o mar,
o horizonte claro do amanhecer
e o prenúncio de recolher.
Quando as borboletas voarem à nossa frente,
haveremos de saber
que Deus mora também em suas asas;
Que o homem não tenha que destruir a floresta,
para um dia,
asfixiado,
“chorar o leite derramado”.
Haveremos de conciliar,
enquanto este instrumento estiver ao nosso alcance;
haveremos de saber segurar o amor,
assim que ele chegar;
quando o amor estiver aí,
haveremos de saber regá-lo,
como fazemos com a mais sensível das plantas.

HÁ DE ACONTECER!

HOMEM DESARMÔNICO

As gaivotas voam, enquanto os gaviões se empoleiram em seus mirantes.

As cobras continuam rastejantes.

As andorinhas migram para distâncias que parecem incompatíveis com seus pequeninos corpos.

Os ratos roem no deserto ou na mais luxuosa despensa de qualquer casa.

O mar passará o resto do tempo a bater contra as pedras ou a tocar, suavemente, os pés dos banhistas. Sua musicalidade só será interrompida pela fúria da natureza, mas tudo voltará ao normal.

A mata não deixará de transmitir seu som (se o homem não mudar o destino dela).

As cabeças humanas perpetuam seus mistérios.

Acalmem-se, cabeças inquietas, o mundo tem seu jeito de ser. É melhor tirar suas casas da beira do rio e do topo das ribanceiras!

Se você forçar a barra, o mundo será um quantum pior.

E, por falar nisso, como anda este mundo que mora aí dentro de você?

O homem passará o resto dos tempos olhando para fora e ignorando seu complexo mundo interno.

TEREMOS SIDO COSTURADOS PELO AVESSO?

A BRECHA

A pedreira ficou ali por séculos e séculos, tentando ser mais dura que a própria natureza; jurou manter aquele lugar inóspito e pirogênico, ardendo como a “vida Severina”. Mas ela se rendeu ao encanto do amor da natureza e se deixou fecundar. Em suas frestas, a pedreira criou o embrião da planta e pariu flores de todas as cores.

Na pedreira há também uma brecha para o amor.

MAJORITÁRIA

Você merece:

entrar e sair do meu coração,

quando quiser;

receber meu beijo e meu abraço carinhoso;

viver e sorrir pelo seu talento

e pelo amor que lhe

dedico, diuturnamente;

ouvir de mim

que boa parte do meu prazer

veio de você;

ser tratada como rainha;

saber que você é a eternidade do meu amor.

E, se eu merecer, diga-me que quer adentrar

minh'alma e dominar de vez meu coração.

Para ter-me, por inteiro, é preciso pouco:

VOCÊ JÁ É MAJORITÁRIA EM MIM!

MIRAGEM?

Não, não é miragem,
É sua imagem, enraizada
Como o pé de fícus,
Embolada em meu corpo
E em minh'alma.

Não, não é miragem,
É apenas uma mensagem,
Que, trazida pelas veias do tempo,
Fez o telex de nossa conexão.

Talvez você tenha vindo buscar
Nutrientes para o seu viver,
Mas se tornou fonte de água
Que abastece e amacia meu ser.

Em sua necessidade de alimento,
Mostrou-me que não posso viver,
Não sem a sua nutrição.

Hoje somos fícus
Em busca da essência,
Donos de certa inocência.

E a vida vai caminhando
A contento,
Graças a seu talento.

Não é miragem,
É a telepatia do ar que chega
Para me dizer
Que você veio para ficar.

Já existe em minha mente
Algo que a gente sente.
Um vácuo forrado em pedras,
Nobres,
Recoberto de macia espuma,
Com forma definida,
Para acolher você e sua magia.

Deite aqui neste lugar
E me deixe sonhar:
Carregarei você para sempre
Neste meu continente.

Venha cobrir-me com o seu nutriente,
Quero viver a sonhar com esta glória,
E T E R N A M E N T E.

ESPEREI

Esperei que você chegasse,
Esperei que o sabiá cantasse,
Esperei que você me amasse.
E NADA!

Esperei o brinde do prazer,
Esperei adormecer ao seu lado,
Esperei amanhecer cantando,
Esperei acordar com você me amando.
E NADA!

Esperei o crepúsculo da vida,
Esperei ver de vez sua partida,
Mas acordei do pesadelo:
No alvorecer, você dormia ao meu lado.
E RA TUDO!

Não me faça sonhar assim de novo;
Se o pesadelo me acampar,
Faça-me acordar;
Não saia mais de perto de mim.
Você e eu somos mistura que faz rimar;
Fique comigo neste lugar.

Faça-me ficar acordado,
De dia para admirar você;
À noite, para velar seus sonhos,
E sonhar com a eternidade do nosso amor.

Prometi nada escrever hoje,
Mas não posso tal promessa cumprir;
Prometi não mais amar você,
Mas acordei deste pesadelo
Que fazia brotar em mim
O vírus da discórdia.

Prometi procurá-la,
Prometi até, no bom sentido, pegar você;
Prometi não mais deixar seu veneno
Arruinar a minha mente
E atazanar minha vida.
Nada, porém, deu certo:
Mesmo pensando que sou esperto,
Caí a seus pés e me renegaste,
Jogando-me de costas no caminho
Empoeirado da vida.

Oh, vida minha!

ATÉ QUE PODE SER

Ao Artista plástico Allan, inspirado em sua Exposição na Casa da América Latina

Tudo isto que você faz,
Pode ser o mar,
Pode ser o ar,
Pode ser a beleza
Ou a nobreza.
Pode ser a pedra,
O duro caminho
Da vida.
Pode ser a flor,
Pode ser a dor,
Pode ser a paixão
Ou uma incrível solidão.
Pode ser tudo;
Especialmente pode ser
Sua alma
De artista.

HOMEM

O homem passa toda sua vida catando pedras, cortando árvores, tirando areia dos rios já assoreados;

o homem passa todo seu tempo a correr atrás de um amor desconhecido, deixando de lado alguém a quem poderia amar eternamente;

o homem tem a inquietação suprema dada pelo Criador; ele ganhou o livre arbítrio, mas às vezes arbitra demais;

o homem tenta buscar, distante, a felicidade; ele não se acostumou a olhar para dentro de si. Seus olhos mal veem o mundo externo; imaginem apontar os olhos para dentro de si mesmo – é muito difícil!

O homem vive a correr mundo e a olhar as coisas dos outros.

O homem fez de si o andarilho que vemos pelas estradas do Brasil.

O homem não sabe muito bem o que quer.

O homem vive a procurar uma bomba para detonar.

O homem vive a sonhar, a sonhar sem parar, a buscar e buscar.

Homem, perdido homem.

IMAGINAÇÃO

Imaginei ver você voando como um avião, pelas ruas da cidade; preparei meu mundo interno para recebê-la; tentei voar e acompanhá-la. Mas foi difícil.

Na minha incipiente adolescência, esperei sua presença e sua voz a me dizer que me amava perdidamente. Mas você não disse.

No meu final de tarde, fantasiei um encontro de nós dois e ensaiei palavras e frases para dizer em seus ouvidos, Mas minha fantasia não se concretizou.

Sonhei, por três noites seguidas, encontrar você, na praça, a olhar dentro dos meus olhos, me fazendo uma declaração de amor, Mas você foi para outro lugar.

Passei por várias noites em frente à sua janela e pensei em lhe fazer uma serenata, Mas meu rival chegou primeiro.

Quando tentei lhe esquecer para sempre, meu corpo e minha alma votaram contra, Mas você não veio.

Andei perdidamente pelas ruas, como que a procurar por um elo perdido, por meses a fio, e quando tentava sair daquele buraco formado dentro de mim, Você veio.

Mas não disse uma só palavra que me desse consolo.
Então tentei me despedir.

E quando descobri que todas as coisas que você fizera aconteceram apenas por sua falta de coragem, eu, perdidamente apaixonado, me encorajei e busquei você.
Seu arsenal enfraqueceu e você me amou, como eu amei você.

Hoje estamos aí, como em um final de Conto de Fadas!

O ENVELHECER DAS GRANDES CIDADES

“Sempre me preocupei com o fato de as florestas terem interrompido o processo de envelhecimento (com o fato de o homem estar extirpando grandes e pequenas árvores que constituem o pulmão da terra).

Quanto às florestas, podemos afirmar que vale o ditado, há muito proferido no tocante ao vinho: Quanto mais velhas melhores. É o uso irracional da natureza por quem se diz o mais racional ser da terra. Claro que a natureza está aí para servir ao homem, mas para isso teria que receber dele os cuidados necessários à sua sobrevivência, o que nunca ocorreu.

Em relação às grandes cidades, o mesmo ditado do vinho se aplica a elas, mas não tem sido aplicado, pois elas se transformaram em velhas doentes.

Lembro-me bem de minha infância, de quando eu e meu irmão íamos para a escola sem acompanhantes, passando em frente às casas, onde, sem os muros altos de hoje, era-nos permitido ver seus jardins bem cuidados e floridos. Lembro-me até de um papagaio que sempre cantava quando passávamos em frente à casa de seus donos.

A cidade caminhava devagar e era fácil encontrarmos pessoas reunidas do lado de fora, nas ruas, sem o risco das balas perdidas, das quais só ouvi falar depois de ter me transformado em adulto. As favelas que circulavam grande parte da cidade ainda eram vistas ao longe, e as promessas das políticas habitacionais não nos deixavam fazer nenhuma previsão do que ocorre hoje: as balas atingindo as janelas dos apartamentos, por vezes até matando as pessoas que neles habitam. Aliás, os apartamentos localizados em luxuosos edifícios, em bairros de igual luxo, foram os primeiros resultados da

violência urbana, que teve seu início por mãos humanas, que, como aquelas que extirparam nossas florestas, colocaram no chão as casas dos jardins bonitos, papagaio cantador e até mesmo os donos do papagaio. Pensando bem, posso até imaginar que os devastadores de florestas podem ser os mesmos que destruíram a parte antiga de minha cidade. Como era bonita a minha cidade! Nem lembro direito onde ficava a minha casa nem a casa do papagaio que cantava; ele cantava uma antiga marcha de carnaval. E, por falar nessa alegre festa, como era bonito o carnaval do Rio!

O amontoado de grandes edifícios escondeu nossa história e evidenciou a desigualdade social, misturou os tubarões do dinheiro aos pobres revoltosos que se veem no andar de baixo da pirâmide socioeconômica, embora morando acima dos que aqui chamei de tubarões. Como as desigualdades sociais são intrigantes e revoltantes! Não vemos mais tranquilidade nem em ricos nem em pobres; a desordem social colocou em guerra a força econômica e a força das armas, armas que vêm de fora ou das mãos daqueles que ceifaram as florestas e as velhas e boas casas da minha cidade. Será que alguns daqueles “tubarões” não são hoje vítimas das balas perdidas? É bem provável que estejam bebendo do próprio veneno.

Os venenos em pequenas doses não fazem mal algum e podem até servir de remédio, mas, como os tubarões estão sempre desejando crescer, mais cedo ou mais tarde, estarão mergulhados em um mar de consequências desagradáveis”.

Essa foi a narrativa de um desconhecido perto de quem sentei bem próximo, em um banco de uma praça pública - um dos raros bancos, no qual, mesmo com algum medo, ainda se pode sentar. Ele me pareceu melancólico, ao atualizar a história de sua infância. Depois, terminou seu relato com um longo suspiro e caminhou até desaparecer na curva da rua.

Não sei bem como foi que ele começou aquela sua história; talvez tenha passado algum sujeito mal-encarado perto de nós, mas, hoje, nem sempre os mal-encarados é que são os maiores bandidos.

E você, tem acompanhado os últimos noticiários?

Ele falou tanto que quase cochilei durante sua narrativa, mas o que ouvi, foi suficiente para pensar que as mesmas ações que impedem os homens do campo de sobreviverem na natureza, os levam para as grandes cidades, e, inocentemente, eles acabam contribuindo para a desordem econômica e social do país. Com isso, elevam-se a violência urbana, o desemprego, a miséria e a própria desigualdade cultural entre pais e filhos. Chega a tornar estranho o próprio lar, onde os valores dos pais e dos filhos se chocam, provocando enormes conflitos familiares.

Manipuladores e manipulados transformam as cidades em velhas sem saúde. Os governos? Continuam assistindo a tudo e, por vezes, até tiram proveito da situação. Eles até que gostam deste caos, porque é nele que moram milhares de votos.

TODA CRONICIDADE PARECE NORMALIDADE

Ao chegarmos a uma comunidade onde a grande maioria possui apenas alguns dentes, vamos achar diferentes aqueles que tiverem todos os dentes. Nossa mente costuma funcionar desta maneira; buscamos uma maioria para entendermos o que chamamos de normal ou de anormal na sociedade. Isoladamente, o indivíduo também tem seu referencial, e o vai perdendo a partir de pequenas mudanças que, somadas, levam o sujeito a deixar sua velha imagem para internalizar uma nova. Ele perde um dente, outro dente e vai se acostumando com a ideia de não os possuir, até que um dia perde todos.

Com os dentes perdidos perde-se também a estética, o poder de mastigação, o poder de digerir os alimentos que não são mastigados direito, e tantas outras perdas acontecem, mas que aos seus próprios olhos ficam parecendo uma coisa normal. Tudo isto poderia ser uma invenção minha para justificar o que quero escrever sobre o tema acima, que acho deveras interessante, mas infelizmente isto não é nenhuma invenção, é pura verdade.

Na maioria das cidades do interior do Brasil e também no campo, não há quase ninguém que possa arcar com o preço da prevenção de doenças odontológicas, muito menos com tratamentos caros como os que, todos sabemos, a classe média tem sido obrigada a pagar para ter seus dentes saudáveis.

O problema dos dentes torna-se “fichinha”, se visitarmos algumas regiões brasileiras, nas quais comer é privilégio de poucos.

Como no caso da perda dos dentes - embora muito mais grave - as famílias vão se acostumando a comer cada dia menos, até que um dia o provedor chega e ordena, como o fez Paulinho da Viola em sua música - Grande Paulinho - “Pode guardar as panelas que hoje o dinheiro não deu!”

Mas aquele sentimento de impotência, de indignidade e de total indignação esboçado por aquele pai, no começo da fome, vai também se repetindo, até que um dia ele e seus sentimentos começam a se assemelhar às pedras que rolam morro abaixo e não se machucam, se esfolam mas não choram. É uma cronicidade que não permite que ele sinta o mesmo que sentia antes. Pior para seus filhos que, não conhecendo outra condição, não podem formar conceito sobre o que é comer bem, comer mal ou passar fome. E assim eles vão levando a vida, muitas vezes até colocando a culpa em Deus, utilizando aquele velho termo a que estamos cansados de ouvir: “Deus quis assim e, se ele quer, estamos bem assim mesmo”. Aprendem a perceber o mundo pelo avesso, onde o homem tem que viver de favores e obrigado a trocar seus votos por promessas que não servem para nada, além de cronificar também esta louca forma de ver Deus e o mundo.

A política também, ao longo dos anos, foi se cronificando, e isto de tal forma que muitos políticos já não coram o rosto, quando fazem suas promessas mentirosas ou tomam conhecimento de que seus nomes estão expostos na mídia. As verbas - ricas verbas - que deveriam ser usadas para o implemento de socorro ao povo brasileiro, servem, com algumas exceções, somente aos próprios administradores do país, que recebem da população uma espécie de procuração em branco, numa demonstração de grande confiança que não tem sido correspondida.

Vejo bem perto de mim, a calamidade que arrasa a dignidade dos humildes e joga para os andares superiores toda a fortuna que bem poderia servir para curar as doenças e gerar educação. Estou me referindo às doenças das instituições, como: hospitais, escolas públicas, setores responsáveis pela segurança e construção de estradas, entre outras. Os órgãos públicos estão sempre muito doentes.

A doença do povo começa com a impossibilidade de se aculturar, e o homem culturalmente excluído não sabe opinar; ele é feito refém por uma cúpula que sabe muito bem que voto de rico e de pobre têm o mesmo valor.

Se resolvêssemos listar os nomes de tudo que achamos crônico, passaríamos horas escrevendo, porque muitas coisas da vida precisam ser crônicas para suportar a sobrevivência. Em última análise, devemos dizer que nos salvamos ou morremos na agudez, ou simplesmente nos deixamos viver na cronicidade – nem vivemos nem morremos.

Se uma pessoa possui uma doença aguda, ela vai solicitar socorro, utilizando seu choro e seus gritos, incomodando os que vão deixá-la morrer ou lhe prestar socorro, mas se ela possui uma doença crônica, não vai gritar, porque não vai doer o suficiente para incomodá-la muito nem tanto aos outros. Possivelmente vai carregar a doença de forma adestrada, como um animal que carrega a carga e faz desta tarefa um meio de ganhar o pouco que precisa para sobreviver. Na cronicidade, mesmo com a doença, a vida vai parecer “normal”

Tudo que expus até agora sobre o tema, me dá uma certa garantia de que precisamos agudizar nossos problemas para sermos vistos e acudidos. Precisamos reclamar um pouco mais para que sejamos vistos como verdadeiros cidadãos.

Do jeito que as coisas andam é possível que um dia não tenhamos mais nossas florestas; as escolas estarão aos pedaços; os hospitais públicos estarão em ruínas; as notícias sobre a fome tomarão conta dos noticiários e só de uma coisa teremos certeza: haverá sempre um beija-flor a contribuir com a contenção do fogo na floresta, ainda que seja apenas um jeito de demonstrar que ele nunca desiste.

Apesar da cronicidade, a floresta haverá de nascer novamente.

ITABIRA – PEDRA DURA?

O nome Itabira quer dizer pedra dura, mas as histórias que ouvi e o que vi naquela cidade, em minha recente visita, me fizeram crer que as pedras de lá não são tão duras assim. Foram muito duras apenas do ponto de vista dos índios, que há muito tempo habitaram aquelas terras. Eles tinham motivos para acreditar no poder das pedras.

Do meu ponto de vista, as pedras de Itabira são menos duras que as poesias de Carlos Drummond de Andrade. Penso assim por saber que o enorme Pico do Cauê sucumbira aos recursos tecnológicos da Companhia Vale do Rio Doce e que a poesia de Drummond jamais sucumbirá. A poesia não se curvará jamais ao capitalismo nem a quaisquer outros regimes, porque ela é feita de ingredientes importados do mundo interno do poeta – da alma humana – e há de durar para sempre.

A grande montanha de pedra dura foi aos poucos, ao som das máquinas, transformando-se em pó, que, sob a ação de homens inteligentes e de homens nem tão inteligentes assim, viraram barras de aço: grandes, pequenas, finas, espessas e em mais uma infinidade de produtos industrializados – esses, importados pelo Brasil a preço infinitamente superior ao do minério bruto levado pelos importadores do Pico do Cauê.

Em contraste com a passividade da montanha temos a poesia que, oriunda do mundo interno do poeta, jamais se deixará dividir e subdividir, como ocorrera e ainda ocorre com aquela grande montanha de pedra dura (ita bira).

Fato é que, o mestre Drummond eternizou a poesia e a poesia eternizou Drummond.

A poesia deve estar tão prazerosa com o deleite dos leitores, quanto sentira Drummond por saber que, com sua genialidade, construiu o encanto para o mundo.

Drummond e o aço:

Drummond foi veementemente contra a destruição da natureza que, em troca, exala seus versos poéticos até na matéria bruta dos morros de Itabira.

Hoje, alguns dias após percorrer a cidade de Itabira, confesso que minha mente leiga foi tomada por pensamentos que transcendem o que vi. Então me vêm várias questões:

por que meu guia se sentia feliz ao mostrar a grande cratera com o que restou do Pico do Cauê, o que chamou de casca do pico, após anos e anos de destruição?;

por que será que meu guia contou, sem qualquer crítica ou lamentação, que um mar de lama escura que vimos lá da sede da fazenda que pertenceu à família de Drummond, não era a lama que pensei ser e sim um produto de exportação? Que aquilo será mais tarde as ferramentas que importaremos da China e de outros países que, aos poucos, vão levando o Pico do Cauê? – Talvez porque, consciência de que seu emprego, sua qualidade de vida e até o carro no qual leva o turista para o city tour, são frutos de tudo aquilo: do conflito entre o ferro e a poesia;

por que as poesias de Drummond foram transcritas naquelas placas de aço, espalhadas por toda a cidade, para, em meio à ferrugem, encantar as pessoas? – Talvez um, digamos “agrado” da mineradora ao poeta, dando-lhe suporte para inibir suas reações; uma forma de reparação ao desgaste que causara a Drummond destruindo sua terra, destruindo literalmente seu terreno e até um pouco de sua alma? Ou pode ter sido simplesmente a Vale querendo investir na cultura, criando uma parceria entre o ferro duro e a maciez da alma poética?

Uma coisa ficou clara para este leigo que se encantou com Itabira: devastaram a montanha, mexeram e remexeram a alma do

poeta, deixando-o com aquele ar tristonho. Embora tudo isso, a cultura de Itabira está cada vez mais explícita e mais forte.

O aço continuará a correr sobre os trilhos do trem de ferro e a poesia continuará enchendo o mundo com sua essência.

E Itabira?

Enquanto durar sua natureza bruta, continuará tendo um corpo de aço a envolver uma alma poética.

ONDE ANDA A POESIA?

Aqui dentro, encaixada,
No meu mau humor,
Dentro de você,
Dentro de todos,
Dentro da alma,
Avizinhando os corações,
Onde moram também
Inúmeras canções.

A VOZ DO ANGICO

O Angico berrador, assim chamado pelo barulho que ele faz, ao cair sob o poder do machado, semelhante ao berro de um boi, teve seu último minuto de vida numa manhã do mês de agosto.

No dia de seu tombo, pensei bem naquele nome – “angico berrador” – e descobri que aquele título não era de fazer rir. Foi lamentável o desamparo com que ele caiu. Parecia mesmo o berro de boi ao morrer com aquelas machadadas no rude matadouro lá da roça onde eu morava.

O lugar onde o angico se encontrava está vazio ainda hoje. Eles roçaram todos os seus filhotes que cresciam à sua volta.

VOU VOAR COM VOCÊ

Pense numa folha voando
No vento seco de agosto,
Numa outra folha
Caída na relva fria da floresta.

Pense no anoitecer
Com chuva fina, em tarde fria.
Pense no amanhecer
De sol claro e brilhante

Pense nas duas folhas,
Na claridade do sol brilhante,
Sob a ação do vento sereno,
A voar sobre a floresta densa.

Pense em duas folhas juntas,
A flutuar sobre a floresta verdejante;
Voando juntas, planando,
Com destino de dois amantes.

Pense em duas folhas falando,
E juntas a voar pra lá e pra cá,
Pousando sob a árvore florida,
Duas folhas sedentas de amor.

Folhas juntas que sempre voam,
Até a chuva ou o orvalho chegar,
Molhadas e sem poderem voar,
Sempre à espera do amanhã chegar.

Folhas juntas podem esperar,
Sempre podem esperar.
Elas sempre podem esperar,
Porque um dia o amanhã vai chegar.

Folhas juntas ainda vão voar,
Não importa pra onde vão,
Só sei que elas vão voar,
Juntas vão pra algum lugar.

Se a relva é fria, as folhas estão juntas;
Se o sol chegar, elas podem voar.
O sol vai chegar,
Elas podem esperar.

Se a relva é fria e a folha é só,
Ela põe-se a esperar,
Se o sol brilha e a folha é só,
Ela pode sair e procurar.

Se a folha voa só,
Não sabe pra onde ir,
Não sabe se pode voltar,
Nem da hora de partir.

Como a folha, estou a esperar,
E quando o dia clarear,
Sei que você vai chegar,
Sei que um dia vamos voar,
Pra algum lugar...

SUA CHEGADA

Amanhã, talvez,
Sua altivez lhe faça pensar
A tocar em frente.
Amanhã, é certo,
Tendo você, por perto,
Serei um Rei,
Um Super-herói,
Talvez.
Ano que vem, quem sabe,
Você tenha saudades de mim
E o romper da aurora
Seja nossa hora.
Um dia, quem sabe,
Ao passar por mim,
Seu coração não pulse forte
Como os ventos do norte?
Então, na esquina
Do nosso primeiro encontro,
PRONTO!
Naquela hora,
Seu coração se fará presente,
Naquele exato momento,
Não vou olhar pra frente,
Vou virar pra trás
E sentir o que a vida trouxe pra gente.
Jogarei em você um grande laço.
Vou entreter você.
Dar-lhe-ei um brinquedo,

Sem medo.
Vamos brincar de amor.
Você vou coroar pra sempre,
Minha rainha.
Vou reinar,
Como naquele dia – o nosso primeiro dia.
Vou amar você,
Como se a mundo fosse acabar.
Vamos fazer tantos planos,
Como se a vida durasse mil anos.

DIVAGAÇÃO

No silêncio da madrugada,
A cachoeira canta para o universo.
Caminho sob o orvalho,
A conversar com minh'alma
E neste momento, meu mundo se acalma.

Está chegando o alvorecer,
Encurta a distância entre mim e você,
O sereno apaga o fogo do meu peito,
Sinto que a vida vai nos trazer um jeito.

Contar os dias tem sido árdua tarefa,
Contar meus segredos para a noite
Não tem adiantado;
Meu grito só grita para o fundo de mim mesmo.

Contar estrelas e pedir aos céus
É outra tarefa sem fim,
Na esperança de que um dia,
O mundo venha alvorecer,
Para você e para mim.

Vivo lutando contra as amarras,
Tentando salvar-me da anoxia
Produzida por coisas do destino,
Asfixia que o tempo há de desfazer.

Cheirando o perfume da noite,
Deixo os meus olhos dançarem,
Medito para me livrar do açoite,
Deixo baixinho cantar minh'alma.

Negocio com a vida a hora de você chegar.
Pagarei qualquer preço para você ficar.

O “DIREITO” DE SER PREDADOR

A palavra “predador” muitas vezes nos faz arrepiar, sentir medo e pensar no sujeito como aproveitador. É ISSO mesmo, se você for savana adentro e invadir o território dos leões, é pouco provável que volte com vida. Se você invadir o espaço do menor indivíduo, o beija-flor, por exemplo, terá a imediata reação dos bichinhos, ou melhor, dos passarinhos. A vida é assim, todo direito só é direito até o limite do outro. Até aqui não há problemas para entender, porque se um leão começa uma caminhada pela cidade, nem precisa ir à casa do presidente da república, pode ser pelo subúrbio mais longínquo, que será caçado, e só não será abatido se tiver nossa manha de pedir desculpas, ajoelhar-se etc... O leão é um grande animal, um REI, porém o mais humilde dos beija-flores possivelmente seria aborrecido se ousasse construir seu ninho em nossas dependências, ou se simplesmente resolvesse pousar perto de nós e não voasse com nossa aproximação. Bem que poderia ser poupado pela sua mansidão.

Então vamos lá. Um leão come outros bichos – quase todos. Ele está no topo da cadeia alimentar - se bem que me esqueci de que às vezes leão se parece com alguns homens. Já vi leões comendo seus filhotes, talvez para contemplar a teoria mitológica. Neste caso o filhote seria Édipo, ameaçando seu poder, ou filho de Zeus que precisaria ser engolido para deixar o deus da mitologia, dono de todas as deusas. Mas deixemos isso pra lá, porque é apenas uma exceção no mundo animal. Vamos pensar que, de um modo geral, animais não andam matando a própria espécie. Se alguns estão ameaçados de extinção é porque possuem algo atraente para nós homens: uma pele bonita, uma carne gostosa, ou porque tiveram que passar o tempo cantando em gaiolas para satisfazer o egoísmo humano - os curiós e os chapinhas da minha terra já não cantam em coro como antes. Se

não me engano, os curiós não cantam sequer individualmente, a não ser os raros que moram nas lindas gaiolas dos poderosos caçadores de passarinhos. Eles obedecem - com exceção daqueles que cumprem uma “faceta humana” - rigorosamente a cadeia alimentar. Também há alguns animais que estão sujeitos a fazer pequena cadeia alimentar com o homem; por exemplo: homem, vaca, capim. Neste caso a vaca sairá sempre perdendo, porque o homem é o topo. O capim, após comido, nasce de novo, enquanto a vaca, ó... será sempre comida. A não ser que faça como as vacas européias e perca de vez o juízo. Aliás, o homem está sempre criando um modo de estar no topo, e, quando frustrados, muitos deles fazem, como as vacas europeias, ou até pior, porque jamais aceitam a guilhotina e a incineração como solução para seus sintomas. Eu soube de homens que foram capazes até de cortar pedaços de outros homens como represália, como se esses é que tivessem os sintomas das vacas da Europa.

Aqui falei do predador ilícito, mas o homem do nosso e de outros tempos acha sempre um jeitinho de elaborar uma lei com brechas para uma poli interpretação e, de análise em análise, vai deixando margens para a predação lícita. Aí é que o lícito se torna mais perigoso. Darei apenas alguns exemplos para refrescar nossa memória:

– com alvará e tudo acabam com um bom pedaço de nossas matas. As tropicais já estão no fim e a amazônica, se brincar, eles vão levá-la todinha para os receptadores lá de fora. Aqueles que nos acusam de devastação do “Pulmão do Mundo”. Os bumbuns daqueles acusadores “jazem” nas belas cadeiras de nosso mogno, de nossas cerejeiras e quem sabe se alguns raros deles não estão apoiados em nossos jacarandás da Bahia? Belos jacarandás! Esses, há muito extintos. O alvará, que autoriza a retirada de algumas árvores para atender ao famoso “interesse social”, acaba contribuindo para a inundação dos rios amazônicos com milhares de toras das permiti-

das e não permitidas madeiras de lei. De lei não há quase nada! Os homens “competentes” para a criação de leis já se mobilizam para modificar a lei da selva; querem aumentar a área a ser desmatada para que ali se criem bois, plantem cereais. Mas eles sabem que naquele lugar não dá pra cereais, e tudo vai acabar em pastos, enquanto cá no plenário tudo pode “acabar em pizza”.

Nem vou perguntar se você viu que em Brasília um homem que retirou da árvore sua casca para chá foi preso porque estava praticando um ato ilícito. Sei que você ficou sabendo. Também não preciso perguntar se você viu, por várias vezes na TV, milhares de troncos boiando, descendo ao embarcadouro para o “beneficiamento” (beneficiamento?) e posterior exportação sem que ninguém fosse preso. Enquanto o primeiro praticava ato ilícito por buscar a cura natural de seus males, o outro causava licitamente o maior rombo na natureza. Também é sabido que, em alguns casos, animais silvestres podem ser caçados: para o interesse científico para povoar os zoológicos etc..., mas sabemos que, por trás de tudo isso, existem muitos outros interesses. Você não se lembra de ter visto na TV milhares de animais de nossa fauna sendo contrabandeados? Pois bem, se contrabandeamos animais é porque lá fora há receptadores. São eles os mesmos que se dão o direito de nos acusar de depredadores da natureza. Mas não para aí, não: ao longo de nossa existência já vimos e ouvimos falar de homens predadores de homens. Não que tenham comido a carne do “animal racional”, mas porque tirando o outro de circulação, ele estará mais livre para “viver” e conquistar cada vez mais. Você sabia que em determinada ocasião foi “lícito” o extermínio de homens por homens, em nome da moralidade e defesa da Pátria? Pobre pátria! Mãe passiva que tudo aceitou em nome do temor e da fraqueza de seus outros filhos. Pobre pátria!

Tudo que é ilícito é considerado contra a lei, portanto, crime!

Tudo que é lícito é considerado à direita da lei, portanto uma qualidade ou um bem público!

E agora? Dá pra sair dessa?

É uma confusão danada, é tanta confusão que cega! É tanto truque que acabaram por dar ao homem um “direito” – de ser predador.

E aí?

SOMOS (IN) NATIVOS

Por ocasião de uma visita do autor a Porto Seguro/BA, quando avistou índios puros, em um mundo impuro, a vender produtos industrializados.

Antes corríamos para todos os cantos,
a floresta era nosso canto e nosso encanto.
Outrora, éramos selvagens com direito à felicidade,
hoje, em nosso peito só resta a saudade.

Um dia, descobrimos nosso jeito de navegar,
com nossa simplicidade foi fácil acreditar.
Em pequenas canoas, éramos filhos do rio e do mar,
nossos deuses moravam no ar ou em qualquer lugar.
Então vieram grandes embarcações,
fortes canhões, doces ilusões.

Estávamos conquistados de corpo e alma,
continuamos índios de corpo, mas nos impuseram a cor branca.
Quiseram mudar até a cor de nossa alma.

Viramos prisioneiros de seus hábitos.
Nada mais temos deste mar nem de nenhum lugar.

Somos escravos deste comércio;
intermediários das indústrias.
Hoje nada mais há
que acalme nossa alma.

Somos como passarinho
NA GAIOLA:
consolo não há.

UM SENTIR EM GOYAZ VELHO

Sinto-me quase completamente feliz,
Seria agora um felizardo,
Não fosse a tristeza que sinto,
Por saber que hoje em dia,
Não se faz Bandeirante como outrora.

Sou alegre, quase por inteiro,
Só me falta uma parte
Do meu prazer.
Seria todo prazeroso,
Se o mundo ainda moroso,
Fizesse obras como Goyaz,
Criasse Coras Coralinas.

Se a vida ainda caminhasse devagar,
Para o poder do criador
Não apagar.
Para a voz da poetisa
Não calar.
Para a alma do escritor
Não esvaziar.
Para a essência da vida
Nutrir sempre de conteúdo
A mente do criador,
A voz do poeta,
As mãos do artista,
A alma do escritor.
Para Corar o rosto e a alma
Das mulheres de Goyaz,
Para fazê-las todas,
Coras,
Coralinas!

EU VI, EU SENTI

Eu vi uma beleza exótica
Soar nos céus de Goyaz;
Senti o revoar de um exército de espíritos.
Senti cheiro de poesia no ar.

Vi Cora por inteiro,
Num voal,
Seu retrato com imagem sem igual.
Ouvi a voz de Sua Majestade
No som das águas claras
Do Rio Vermelho.
Era Cora,
Era Cora Coralina,
Por inteiro.

Ouvi, sei lá,
Senti sei lá o quê,
O revoar para lá
E para cá,
Do espírito do Criador,
Do espírito sonhador.

Vi Goyaz, por entre as serras,
Por entre as terras,
Passar pela minha cabeça.
Senti minh'alma incandescente,
Frente a arte do Bandeirante,
Homem gigante!

Vi Cora Coralina,
Sua melhor representante.

Cora que numa noite
Arrepiou-me no teatro,
Vi sua voz na boca do ator,
Ouvi sua poesia na voz do cantor.
Em Goyaz Velho ouvi
Nas águas do Rio Vermelho,
Partituras de seus poemas,
Era Cora por inteiro.

Oh, Cora Coralina,
Quanta poesia foi para o éter,
Quantos anos oprimida,
Forçada a outras lidas,
Do esposo era sua vida!

Cora Coralina,
Quanto poder!
Em apenas um pedaço
De seu viver,
Gritou para o mundo,
Quase de forma silenciosa,
De forma amorosa,
Ansiosa, honrosa!

Meu peito reclama
Os anos que você não imprimiu
Seus poemas, seus sonhos.
Meu coração sente
Sua partida prematura.
Pequena vida para tanta genialidade.
Que saudade!

MÃE

Quando ainda jovem, eu pensava que, à medida que o tempo passasse, minha dívida para com minha mãe só aumentaria; chegaria ao ponto de eu não poder mais lhe pagar. Mas ela continuava a fazer as coisas para mim e meus irmãos, sempre pronta, sem nada pedir, como uma serva. Então, ela seria, em meu pensamento, detentora de milhares em crédito e, nós, os filhos, comparáveis aos países pobres em relação ao FMI.

Mas o tempo passou e, ela, já velha, continuava fazendo até o impossível para nos deixar felizes. Era, aos meus olhos, uma “GIGANTE”.

Até que um dia cheguei perto dela e sinceramente lhe agradei por tudo, e a elogiei com as palavras doces que uma mãe sempre merece. Ela, a grande mãe, disse assim: “Não fiz nada, meu filho, tudo que eu quero é ver meus filhos felizes”.

Isto é que faz das mães estes seres maravilhosos: elas cuidam ao viver e vivem muito mais quando cuidam. Conheço algumas delas que tiveram muitos filhos; na minha terra, vi uma delas ser eleita “MÃE DO ANO”, por ter dado à luz 24 filhos; não cuidou de todos até o dia do concurso, porque vários deles morreram, talvez pela falta de infraestrutura em minha cidade – o cuidado que as autoridades não deram para que ela os tivesse todos ali naquele momento.

Aquela mãe também deve ter dito, algum dia, se não disse, pelo menos pensou: “Tudo que eu quero é ver meus filhos realizados e felizes”.

POR TUDO QUE VI E OUVI ATÉ HOJE SOBRE AS MÃES, ENTENDO QUE “DIA DAS MÃES” DEVERIA SER TODOS OS DIAS.

A DÍVIDA? HOJE, JÁ NÃO POSSO MAIS LHE PAGAR, MAS, SE ELA AINDA ESTIVESSE POR AQUI E FOSSE NOVAMENTE QUESTIONADA, CERTAMENTE OUTRA VEZ DIRIA: “TUDO QUE EU QUERO É VER VOCÊS REALIZADOS E FELIZES!

POR QUE SOU CAPAZ DE CHORAR?

Por você, se você me amar,
Por você, se você me deixar,
Se você simplesmente chorar,
Ou se chorar de felicidade.
Por você, se você disser
Que não me ama
Ou se você me amar.
Pelo jogo em um estádio cheio,
Ou por Pelé, que nunca mais veio,
Por Pelé, pela saudade
Da potência de seu pé,
Cabeça e tudo.
Por uma música qualquer,
Basta que com ela eu me lembre
Do seu jeito, da cabeça aos pés.
Sou capaz de chorar
Pelo choro da cascata,
E pelo show dos pássaros lá da mata,
Pela beleza da terra
E pelos atos que a encerra.
Sou capaz de chorar
Pela nobreza,
Pela pobreza da vida
E também pelo prazer da vida.
Pelo amor ou pela dor
E pelo milagre da vida.

Pelo meu viver e pelo meu ser,
Por quase tudo
Que fala de amor
Ou que me cause dor.

Choro, uma válvula de escape para quase todos os fins.

RACIONALIZAÇÃO

Pior seria se tivesse que procurá-la,
da nascente efervescente até o mar;
se tivesse que procurar você,
das discretas margens do riacho
até o mar,
passando por todo lugar,
sem me perder nos afluentes,
ou nas revoltas águas da gente;
se tivesse que te buscar,
da nascente ao mar,
sem me misturar
com as águas que nascem no tabual;
se tivesse que te campear,
para chegar ao mar,
passando pelo Pantanal,
sem misturá-la
às milhares de pequenas águas
que nascem no lamaçal;
correr atrás de você,
perder o sono que perdi,
viajar debaixo de chuva,
perder um pouco de você,
lhe pedir para voltar,
implorar para você ficar;

é tudo quase nada
perto do que poderia acontecer,
incluindo o fato de perdê-la.

É quase nada, frente ao fato de ter você!

PINTOR

Sua águia representa o poder;
Seu rio, a mansidão.
Sua mulher é afrodisíaca,
Sua árvore pode ser a solidão.

Sua cidade pode ser saudade.
Sua mata pode ser seu medo.
Seu medo nunca falado,
Pode num castelo ser representado.

Você está sempre concentrado,
Buscando mais inspiração.
Agora nasce uma floresta:
Um mundo interno ou uma solidão.

Seu desejo, seu medo,
Sua fúria, seu amor,
Sua solidão, sua paixão,
Sua vontade de falar,
Sem dar margens à compreensão.

Seu jeito de ser poeta,
Sua vida escondida,
Contam longas histórias.
Viajando pelos mundos.
Tudo fala de você.

Você é rio, é mar, é floresta,
Você é mágico, é grande criador.
Sua dor e seu amor passam pelo pincel,
Tomando forma na tela.

É a arte de criar fora de si um mundo novo.

QUERO UM MUNDO DE UTOPIAS

Quero um sol sempre a brilhar,
Uma chuva que chova de mansinho,
Um quintal com muros transparentes,
Um amor sempre vivo e sem queixas,
Uma amada sempre feliz.
Meus filhos, sempre cantando,
Se tiverem que chorar, seja de alegria.
Muitas vidas com saúde,
Todas as mentes desarmadas,
Religiões e política sem conflitos,
Florestas sem os clarões da devastação,
Rios correndo sem obstáculos e límpidos.
Meninos de rua raça extinta,
Com um lar em lugar de balas.
Pais e filhos com amor, sem ódio.
Vida sem morte,
Viver com sorte.
E se tiver que haver morte,
Que a dimensão do viver e morrer
Seja a mesma.
Que a partida deste mundo,
Seja apenas um jeito de viajar.
Que a utopia reine em nossas vidas,
Frente ao obstáculo do impossível.
Gostaria de pedir:
Já que o mal tem que existir,
Que o bem seja maior.
Que o bem seja soberano,

Que o bem x mal
Tenham trégua permanente.
Sonhar... sonhar... sonhar...
Se de cada mil sonhos, um vingar,
Podemos ser felizes e falar de realizações.

AO MEU GRANDE CRIADOR

Estive pensando mais detidamente, ao caminhar por aí – de baixo de farto sol e, por várias vezes, de fartas chuvas – que por tudo que me queixo tenho razão, uma única razão: é que sou humano. Os humanos gostam muito de reclamar. Pensei bem sobre as coisas que crio e faço, nos meus sonhos, e para lhe dizer a verdade, chego a pensar que tendo mãos, pés, pernas e tudo mais que um corpo precisa ter, associados a uma cabeça pensante, muito pouco tenho realizado e muito conseguido. Não que eu não mereça, mas conheci, vida afora, seres que deixaram para a humanidade suas grandes criações - e o que é relevante - eles não pensaram em nada além de externar o que o Senhor guardou dentro deles: o talento, o poder criativo e o desejo de enfeitar o mundo com seus feitos.

Vi também seres pequeninos, como é o caso dos passarinhos, que constroem suas próprias casas e ainda espalham pelas florestas sementes que as povoam de pequenas partes do pulmão do mundo – as árvores – e que, por sua vez, foram nossa pátria de um verde invejável. E os passarinhos cantam; com certeza também o Aleijadinho das Minas Gerais cantava; e os massacrados famintos da guerra e da Etiópia, se não cantam, muitos deles encontram forças para a solidariedade.

Muito, muito mais poderia falar aqui para dizer a mim mesmo o quanto o Pai deixou de bom que, infinitamente, vence o mal. Não falo para o Criador, mas para mim mesmo; falar de suas criações é redundância, quem precisa saber de seu poder sou eu mesmo. Portanto, a Ele peço que me ajude a abrir os olhos para enxergar o belo; apure meu tato e meu paladar para eu sentir o gosto da vida; dê forças às minhas pernas para que eu possa caminhar, ao longo da vida e, num ato maduro, aprecie o que Ele criou para nós; que me

dê memória para que eu não me esqueça de agradecer pela família que tenho; inteligência para reconhecer que todas as vicissitudes que aparecem nunca fizeram face ao que de bom me foi dado.

Obrigado, meu grande Mestre!

LEÕES E HIENAS

Quando vejo aqueles leões lá da África, dominando meio mundo, lembro-me de uma dúzia e meia de cidadãos do meu Brasil; aqui também há aqueles que dominam tudo. São os leões do meu porvir; eles podem escolher as melhores caças, comer à vontade, sem que os bichos menores os ameacem.

Tais rivais ou concorrentes, como queiram, são afastados com apenas um rosnado do dominador.

Lá na África, as hienas reais conseguem pegar os restos mortais deixados pelos leões e, aqui, as hienas constituem-se naqueles que buscam nos lixos das residências, nos supermercados ou nas CEASAS os restos que não alimentam os barões. Barões são aqueles que, sem muito sacrifício, conseguem o melhor do que vem da agricultura, do comércio ou da indústria, deixando para os últimos da fila os chamados restolhos, refugos.

Pensando bem, acho que me enganei até aqui. As hienas devem ser aqueles que vivem rodeando o topo das grandes bacias do poder, tentando abocanhar qualquer coisa do segundo escalão. Na verdade, aqueles que chamei de “os últimos”, sequer chegarão a hienas.

A ordem é que as hienas continuem olhando para as refeições de nossos grandes leões. Um resto há de sempre lhes sobrar. Agora, os outros, ou, os últimos, precisam mesmo correr atrás do que sobra da burguesia. Eles estão identificados com alguns leões ou mesmo com as hienas, mas seu destino são os containers das CEASAS.

POESIA

Poesia não se cria,
Poesia não nasce,
Poesia é o manifesto
Do universo da alma.

Poesia é o suspiro
De um coração sufocado
Pela dor ou pelo amor – ilhado.

Poesia mora no ar
E em todo lugar;
Não chega quando o poeta quer.
Ela se encontra por osmose
Com os conteúdos que ele
Pensa guardar.

Poesia é a intromissão benigna,
O remédio para a tristeza;
Da morte é a nobreza.

Poesia é essência da alma,
É o refinamento do ar,
É a metamorfose da dor,
É a borboleta do amor.

PARA BEM CONHECER VOCÊ

Queria ser um poeta,
Para descrever você
Em prosa e verso.
Queria ser cantor,
Para cantar a poesia
Que lhe fiz com a força
Do meu amor.
Queria ser Vinícius,
Para musicalizar seu corpo
Imponente.
Queria ser a chuva,
Para molhar seu peito
E através de sua blusa fina
Ver direito
Este seu corpo de menina.
Queria ser o sol,
Para bronzear você.
Queria ser um mágico,
Para fazê-la desaparecer
Deste mundo, mandar você
Para o meu mundo interno
E acariciá-la,
durante todo o inverno.
Queria ser sua alma,
Para morar eternamente
Em seu corpo.
Queria ser seu corpo,
Para carregar as mais belas

Intimidades de sua alma.
Queria, finalmente,
ter seu corpo e sua alma.
Você inteira é a brisa tranquila
Que me acalma.

É BONITO!

É bonito ouvir que você me ama,

É bonito te amar.

É lindo ouvir seu nome a ecoar

No universo dos meus sonhos.

É gostoso ter você realmente

Na minha realidade ou apenas em minha mente.

É bonito sonhar um sonho interrompido

Por você: com seus beijos,

com a maciez de suas mãos.

É fantástico ter suas mãos,

É divinal ter você, inteira.

É eterno o minuto que você me dá.

Você é conteúdo:

para o meu dormir

meu sonhar

e meu acordar.

MEU SONHO

Você está em todas as partes
Desta cidade:
Andei pelas Asas Norte e Sul
E eu a vi nos dois lados;
Viajei pela frente do avião
E lá senti seu cheiro costumeiro;
Na cauda da aeronave,
Senti sua fragrância suave;
Nos canteiros floridos, vi seu retrato,
Era uma flor delicada como você
- Amarela e bela;
Sentei no canteiro, pinteí você
Em aquarela;
Sobrevoei a cidade e a vi por inteiro;
Só dava você no meu terreiro;
Nas águas do lago, você
Era uma sereia que cantava
Estendida sobre a areia;
No meu olfato,
Só dava seu perfume;
No meu coração,
Você virou canção;
No espaço aéreo,
Você se parecia com a cidade,
Você era meu “avião”.

(Poema escrito, enquanto o autor olhava para sua inspiradora.)

DESEJO, NÃO, NECESSIDADE!

Este fervilhar que nasce
Dentro de mim,
É pedacinho de alma,
É resquício de paixão,
É algo que às vezes me acalma,
Outras vezes, é a explosão.
Esta coisa borbulhante,
Que parece brotar no peito,
É pedaço de energia,
Que deita comigo em meu leito.
É um jeito de desejo,
É um projeto de magia,
É como uma estrela guia.
Não é desejo apenas,
É vontade de escrever,
É mais que desejo,
É quase um determinar,
É como a chegada
Da adolescência,
Que não há como barrar.
Tem hora que tenho vontade
De ser exclusivamente autor.
É uma tendência caliente,
De tornar-me escritor.
Assim não terei que me calar,
Frente às belezas da vida,
Poderei gritar,
Com fúria ou com alegria,

Retratar o belo,
Enaltecer o singelo;
Analisar a essência do seu discurso
E colocá-lo nas minhas linhas
Com todas as letras;
Varar sua carne,
Para mostrar seu inconsciente,
Sua beleza eternizante
Ou sua maldade vivente.

DEIXEM O MENINO!

Deixem o menino acreditar em sua onipotência, para fazer face às adversidades deste lugar; acreditar na vida, para almejá-la aqui e agora; acreditar em suas fantasias para criar, neste recinto, um mundo de seu jeito (suportável);

deixem o menino chorar, para jogar fora dele a toxidez de suas lágrimas há muito represadas; sorrir até por coisas “bobas”, para que seu lado palhaço vença sua tristeza e deixe vir à tona sua nobreza;

deixem o menino acreditar que ele é super-herói, para nos vencer a todos e ocupar este espaço do qual acreditamos ser os únicos donos;

deixem o menino correr neste hospital, para que possa acreditar de novo que tem saúde como outrora;

deixem o menino brincar com as outras crianças, para que acredite que com sua onipotência pode recriar seu mundo familiar.

Cantem e contem histórias para o menino, para que ele possa acreditar, nem que seja por um só minuto, que você tem a mágica para salvá-lo.

Dê ao menino um conteúdo bom, para que tenha boas histórias para contar a seu irmãozinho.

Coloque bom humor na mala da alta do menino, para que ele possa se lembrar, sempre, de que fomos cuidadores de seu corpo, sem nunca nos termos esquecido de sua alma.

QUERO

Quero pedir ao Senhor do espaço que não me deixe dormir, enquanto estiverem a derrubar nossa floresta; enquanto alguém maltratar uma criança; enquanto não cobrirem de afeto a mãe da criança;

que Deus me dê a sensibilidade de um equipamento moderno, para detectar rapidamente a fumaça do fogo que ameaça o universo; e vigília suficiente, para tomar conta da vida dos bichos, da vida dos meninos, da vida de suas respectivas mães, do azul do céu e do mar;

que ao dormir, eu receba do Senhor do Universo a sensibilidade para acordar, se preciso for, a qualquer momento, e me desdobrar em ações para acalmar os corações;

que Deus me dê força para integrar o exército dos benfeitores para salvarmos a Mãe Terra;

que Deus nos dê o trigo para o pão de cada dia;

e que neste Universo, nunca mais ninguém morra de sede ou de fome.

MENINO DE RUA

Menino de rua,
A noite é toda sua;
Menino da noite,
Proprietário da lua.

Menino da noite,
Que corre na escuridão,
Garoto “destemido”
– Forte fragilidade.

Menino meio vadio,
Transgressor das regras,
Infanto de luz “própria”
Que vive no limbo.

Menino que desafia o mundo,
Príncipe da escuridão,
Poesia ambulante,
Filho de retirante,
Dono da vida errante.

Ele era valente;
Tinha que ser valente;
Vivia na Candelária.
Então:
Apareceu o malfeitor,
Seu sonho acabou,
Com seu sonho tombou.

Estupendo!
Engraçado!
Sem graça nenhuma!
Sujeito frustrado,
Mal amado,

Infanto sapeca,
Menino homem,
Menino grande
Para seu tempo,
Amadurecido pela química
Do avesso:
Precoce,
Sem colo,
Incorpora a valentia animal,
Para lidar com a maldade.
Sem defesa,
Vai sucumbir,
Vai morrer,
Vai ficar
Na Candelária,
No corpo de outro menino.
Menino resistente
Eterno sobrevivente.

GRITOS NA NOITE

Vi ecoar na noite,
Gritos apressados;
Eram estudantes,
Todos interessados.

Vi minha própria imaginação,
Criando forma para a multidão,
Medindo o futuro da nação,
Para tudo aquilo não ser em vão.

Ouvi gritos desesperados de mães,
De muitas mães;
Mães que deixaram as crianças em casa,
E então corriam para amamentá-las.

Vi mulheres dependuradas,
Em transportes regulares
E mulheres aflitas,
Em transportes clandestinos.

Vi mulheres com sonho de criança,
Sonhando para as crianças,
Carregando crianças,
Quase esmagando a criança
Contra uma massa de estudantes
Que voltava para casa.

Perguntei, falando ao vento:

E o pai? Cadê o pai?

Respondi com desalento:

- ele está fora,

- ou de plantão,

- ou foi-se embora.

Eu vi uma mãe,

Eu vi um pai,

No transporte oficial,

E no transporte pirata.

Vi a noite envelhecer,

Criei imagens de homens e mulheres

Indo para casa, quase na hora de retornar;

Homens e mulheres,

Relógios da vida.

“Animalizar as relações”,

Proposta de Dr. Laurista,

Inveja inofensiva dos bichos.

Bichos cuidam instintivamente

- Eternamente!

Filhotes humanos,
Desde pequeninos,
Sujeitos à escola,
Ao relógio de ponto,
Ao diário de classe,
À vontade do patrão,
Ao horário do transporte,
Ao tráfego,
Às adversidades,
Ao...,
Às...,
Aos...

Filhotes humanos:
Modernos,
Sujeitos
Ao estresse.
Sujeitos aos sujeitos!

COMO ERAM GRANDES AQUELAS PEQUENAS COISAS!

O pequeno morro da casa de minha avó era muito grande;

Os braços curtos da minha avó pareciam muito compridos na hora de nos receber;

Minha avó parecia muito grande quando eu era menino pequeno;

O olhar de minha avó, quando chegávamos à sua casa, parecia um caminhão cheio de carinho;

O sabiá cantava bem baixo, mas parecia dar o alarme para avisar à vovó que estávamos chegando;

Minha avó se agigantava quando sentava à mesa com seus quatorze filhos;

A pequena hora do almoço parecia uma enorme festa na casa de minha avó;

O gado do meu avô era quase infinito aos meus olhos de pequena criança;

Quando meu avô me levou pela primeira vez a uma pequena cidade, eu pensei que estava na capital do mundo;

A pequena velocidade da Maria Fumaça me assustava; ela parecia ter a rapidez dos pensamentos de minha cabeça de criança;

Quando andava na garupa da mula de meu pai, ele parecia um gigante a me dar segurança;

Quando meu pai ameaçou me dar uma palmada, minha alma pequena sentiu medo do mundo acabar em desamor;

O cachorro da minha casa era descrito por mim como o maior cachorro do mundo;

A cantiga dos boiadeiros, que arranchavam na fazenda do meu avô, atingia em cheio minha alma de criança. Aquilo parecia uma imensa festa dos caboclos de minha terra;

A pequena galinha garnisé, que esbravejava quando eu passava perto de sua prole, transformava-se numa gigante ameaçadora;

De tão grande que parecia a pequena cobra coral que encontrei lá na grota da fazenda de meu tio, ela se assemelhava a uma sucuri;

O carinho de minha pequena avó parecia inundar meu mundo interno - era como se ele se transformasse no grande Rio Chapadinha, em tempo de enchente;

Demorei a descobrir que o ribeirão que passava nos fundos da casa de minha avó não era um rio;

Demorei muito mais para saber que minha avó, com sua tamanha bondade, não era a mãe de todos os habitantes do córrego da Chapada;

Passei muitos anos até descobrir que o olhar encantador de minha prima de terceiro grau era apenas um jeito de demonstrar amizade por mim; eu pensava que ela me amava do mesmo tanto que a amei em meu amor platônico;

A fazenda de minha avó tinha muitos pássaros a cantar, e eu pensava que lá fosse a maior parte do mundo;

O monstro que eu via quando passava no bambuzal da fazenda de minha avó era apenas uma pequena parte de minhas fantasias de criança;

A cidadezinha onde eu morava era vista por mim como a capital de Minas Gerais;

Em meu mundinho de fantasias, nada que via escapava de minhas criações. Eu transformava tudo que via em grandes coisas que talvez nem coubessem no mundo real;

Quando criança, eu via tudo agigantado, mas um dia descobri que gigante mesmo era eu, que transformava tudo em um grande mundo;

Eu fiz das pequenas coisas – mesmo sem querer – um mundo

a girar em torno de mim. Em algumas vezes fui vilão, em outras fui vítima do mundo que eu mesmo criei, mas, graças aos carinhos de minha avó e das pessoas que ela pôs no mundo, me liberei da grandeza extrema e do infinito medo que meus monstros me faziam.

HOMEM DAS SOMBRAS OU DAS LUZES

O homem tem suas sombras;
O homem tem suas luzes;
As sombras e as luzes são
O combustível que o conduz.

Mas o homem, meu senhor,
Fadado a somente viver de luz,
Brilha tanto, tanto,
Que seu brilho o mundo reduz.

Como possuidor só de sombras,
Fica bem no centro escuro da vida,
Acaba sua motivação,
Fica vazio, sem guarida.

As sombras torturam o homem,
Mas, se comparadas à intensa luz,
Não são tão perniciosas assim.
Vida só de luz é forte demais,
Ofusca tanto quanto as sombras.

Homem feito só de luzes,
Desequilíbrio ambulante;
Homem de pura sombra
Vive sob o domínio de Hades.

Homem só de sombras
Ou só de luz,
Um vivo quase morto,
Um quase nada.

Homem das sombras,
Respira o pesado ar,
Sucumbe à força gravitacional.
Para ele a vida pesa,
O amigo também pesa.
Tudo pesa como chumbo.

Negar as sombras da vida
Um jeito ingênuo
De tirar a dor do peito
– Mania quase sem personalidade.

Homem das sombras,
Sem plano real,
Sem projeto legal,
Nem castelo de areia,
Nem construção concreta.

Nem amor sincero,
Nem superego severo,
Nem superego complacente,
Um nada montado num corpo nu,
Sem mente e sem alma.

Homem só de luz,
Um ser levitando,
Vivendo no mundo da lua!

O ANDARILHO

Quem será aquele homem? Um sonhador? Um missionário?
Um ser alegre, Um ser perdido?

Há muito tempo venho pensando naqueles homens que vivem andando, pelas estradas do nosso país. Pela beira do caminho expressam um mundo diferente, não sei se bom, não sei se ruim, só sei que sou um pouco intrigado e um pouco fascinado por esse ser caminheiro que, certamente, se retirou de seu meio, para bordar seu mundo particular, um mundo móvel, onde a lei social fica à margem, e a voz do coração, provavelmente nunca ouvida por ninguém – só fala para ele próprio, não sei o quê nem ousa saber. Melhor dizendo, já ousei um dia: perguntei a um desses homens, de voz firme, quase determinante, que apertou a campainha da minha casa, sobre o porquê de ele estar andando e pedindo comida, se me parecia mais fácil para ele voltar para sua terra e procurar um trabalho, enfim, não ter que se submeter à sociedade e dela depender. Ele, porém, simplesmente me respondeu: “Estou apenas cumprindo uma missão”.

Novamente fiquei a pensar nesses homens, pelo menos nos que conheci, ou melhor, nos que vi caminhando para um lado e para outro, nas estradas. Não estavam a culpar a sorte, tampouco a se queixar de Deus ou de pessoas; apesar de dependerem da comida de cada dia (dos outros), não procuravam encosto em ninguém, iam e vinham com um ar introspectivo, deixando lá fora o mundo de fora.

É a incrível arte de viver em companhia de si mesmo.



FRAGMENTOS DA ALMA

JASON JAIR FRUTUOSO

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-908755-4-3



9 788590 875543